



Foto: Patrícia Alsteen | Disponível em Flickr

# Observatório Suíno

2020

REALIZAÇÃO:

ALI •  
ANI  
MA •



OBSERVATÓRIO  
ANIMAL

# Sumário

**1**

## INTRODUÇÃO

Sobre Alianima	pág. 3
Sobre Observatório Animal	pág. 4
Panorama da Suinocultura	pág. 5

**2**

## RESULTADOS

Sobre o relatório	pág. 9
Metodologia	pág. 10
Celas de Gestação	pág. 11
Mutilações	pág. 14
Uso de antibióticos	pág. 17

**3**

## DESAFIOS DO SETOR

pág. 19

**4**

## CONCLUSÃO

pág. 21

**5**

## REFERÊNCIAS

pág. 23

# 1. Introdução

---

# Sobre a Alianima



Foto: Chicco Dodif | Disponível em Bigstock.com

A Alianima é uma organização sem fins lucrativos que atua no âmbito da proteção animal e ambiental, promovendo a sinergia entre ambas as causas. Temos como nossa atividade principal a implementação de políticas de bem-estar animal dentro da cadeia alimentícia no Brasil.

Concomitantemente, atuamos através de ações e projetos educacionais que proporcionam o conhecimento da sociedade civil, para uma alimentação ética que respeite o modo de vida de todos os seres sencientes e possibilite o equilíbrio ambiental. Através de um relacionamento cooperativo e contínuo com líderes da indústria alimentícia, buscamos entender os principais gargalos que cada setor enfrenta.

Dessa forma, desenvolvemos parcerias, consultorias e suporte técnico gratuitos para aquelas empresas que efetivamente compreendam a importância de implementar uma política de bem-estar animal em suas operações.

Acreditamos na colaboração e em uma abordagem liderada por soluções práticas, desenvolvendo relacionamentos baseados em confiança, benefício mútuo e recompensa pelo progresso em políticas que promovam melhores condições de vida para bilhões de animais utilizados na produção de alimentos.

# Sobre o Observatório Animal

UMA PLATAFORMA PARA CONECTAR O BEM-ESTAR ANIMAL AOS CONSUMIDORES.

Ao longo dos últimos anos, os avanços tecnológicos de acesso a informação aliados à crescente preocupação com saúde, mudanças climáticas e maus-tratos a animais têm permitido e instigado a busca por mais conhecimentos sobre a origem dos alimentos, assim como os valores da indústria aplicados em prática no que concerne a ética e sustentabilidade.

O anúncio público de compromissos em bem-estar animal de algumas empresas galvanizou mudanças significativas em toda a cadeia de fornecedores, sobretudo pelo fato de tais anúncios trabalharem com uma data limite para concluir a sua implementação.

É nesse contexto que surge a plataforma Observatório Animal, criada pela Alianima para:

- Medir e acompanhar o processo de transição das empresas que estão se adaptando à nova política de bem-estar de galinhas poedeiras e suínos, através dos relatórios anuais denominados “Observatório Suíno” e “Observatório do Ovo”;
- Fomentar novas políticas de bem-estar animal em setores ainda não contemplados, como a indústria de frangos de corte e peixes;
- Divulgar os dados de transição das empresas compromissadas;

- Promover eventos nacionais junto à indústria alimentícia e o setor acadêmico, para incentivar a implementação de políticas de bem-estar animal para as principais indústrias da pecuária brasileira;
- Informar à sociedade sobre a realidade da cadeia de produção de alimentos e mostrar como a indústria é capaz de fomentar mudanças significativas no tratamento aos animais;
- Difundir por meio de notícias as boas práticas da indústria em bem-estar animal;
- Encorajar o consumo crítico e consciente.



Foto: Leah Keller | Disponível em Pexels

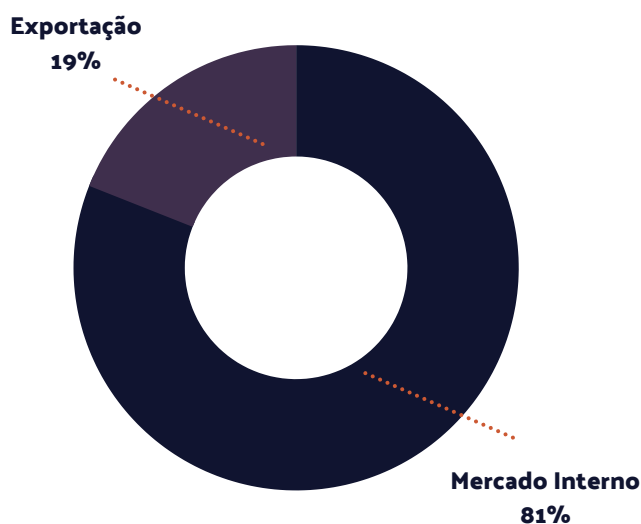
# Panorama da suinocultura brasileira

Ocupando o 4º lugar no ranking de maiores produtores, e 4º maior exportador de carne suína mundial, o Brasil apresenta-se como um player de grande notabilidade no cenário da suinocultura.

A atividade é abundante sobretudo nos estados do Sul e Sudeste, tendo cidades cuja produção de suínos é a principal atividade econômica. Além disso, não se pode negar a popularidade da carne suína no mercado interno: o consumo de carne suína pelo brasileiro girou em torno de 15,3 Kg per capita em 2019, segundo dados fornecidos pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

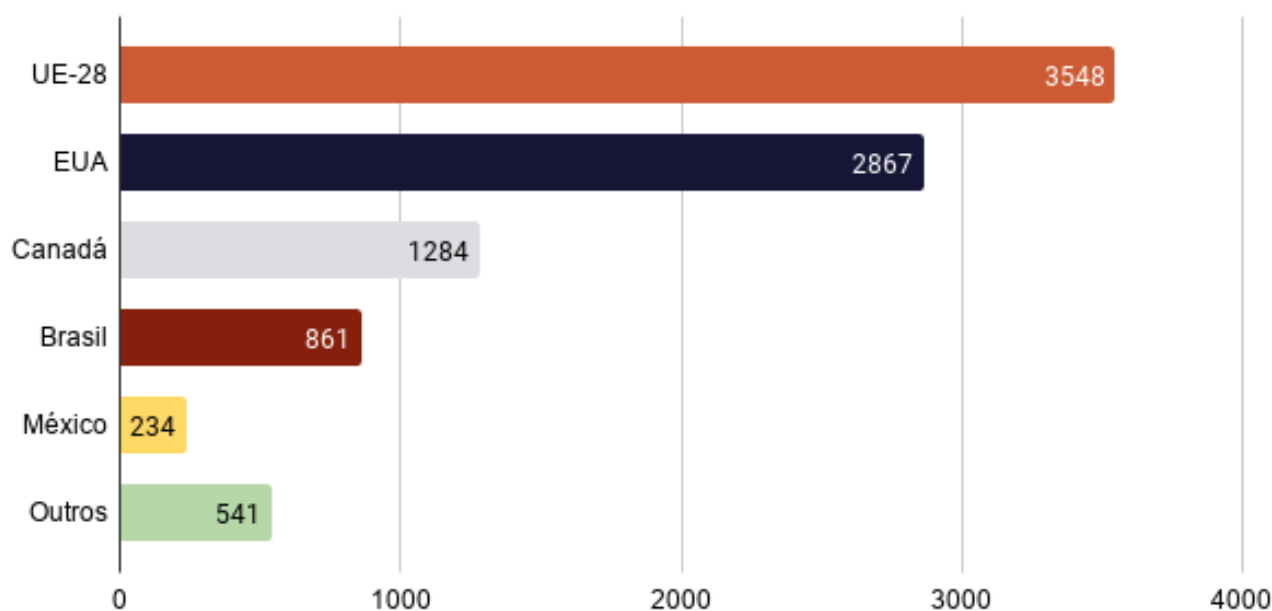
De toda a produção nacional, 81% abastece o mercado interno e 19% é destinado para exportação.

## Destino da Produção Brasileira de Carne Suína



Fonte: ABPA, 2019

## Exportação Mundial 2019 (mil ton)



Fonte: USDA | Foreign Agricultural Service

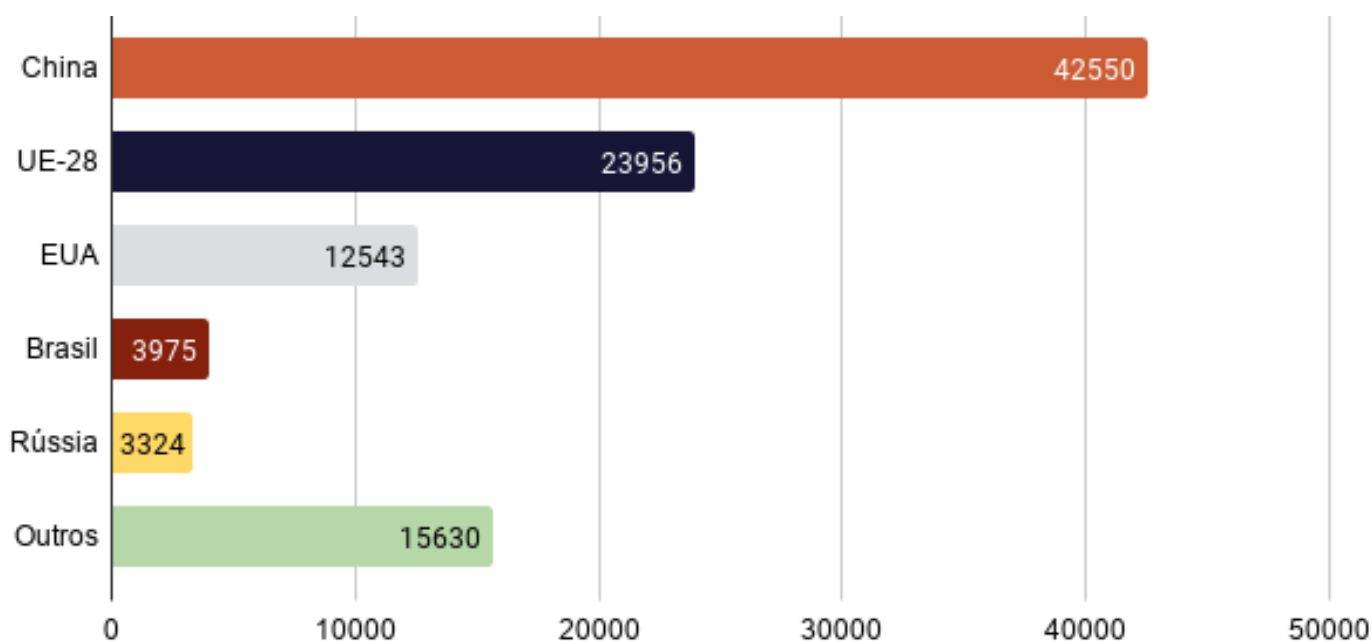
O arranjo da suinocultura brasileira é composto em sua maioria por produtores integrados, seguidos de empresas beneficiadoras e empresas exportadoras.

Entender a importância de abolir as celas de gestação, além de ampliar o leque de práticas de bem-estar para esses animais, é também uma forma do Brasil manter-se competitivo no cenário internacional, dado que a utilização já é restrita na União Europeia (até 28 dias após cobertura) desde 2013, e já foi banida na Nova Zelândia, Suíça e Noruega.

Nos Estados Unidos, 2º maior exportador da carne suína do mundo, estados como Arizona, Califórnia, Colorado, Flórida, Maine, Michigan, Ohio, Oregon e Rhode Island também já estão se adequando para a extinção das celas de gestação. A adequação aos padrões de bem-estar animal pela suinocultura brasileira é, portanto, um reflexo também das exigências colocadas pelos principais compradores mundiais como barreiras comerciais.



## Produção Mundial 2019 (mil ton)

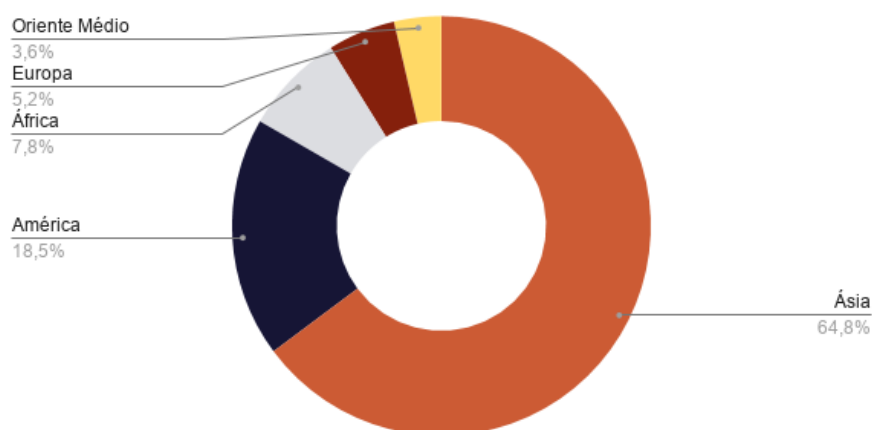


Fonte: USDA | Foreign Agricultural Service

Dentre as 40 principais indústrias de carne suína do mundo, o Brasil entra na lista com 3 empresas: JBS (Seara), BRF (Sadia e Perdigão) e Aurora Alimentos, sendo a JBS a segunda colocada no ranking, que possui operações também nos Estados Unidos e Austrália. Em 13°, está a BRF e, em 27°, a Aurora Alimentos. Na América do Sul, JBS e BRF lideram como produtores.

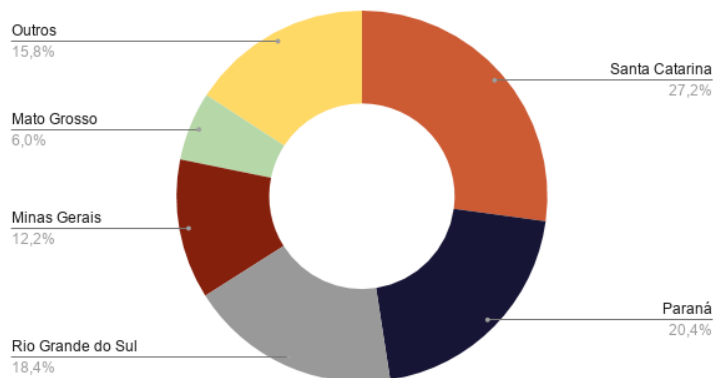
No Brasil, a maioria das produtoras de carne suína encontram-se nos seguintes estados:

## Destino das exportações brasileiras de carne suína por região



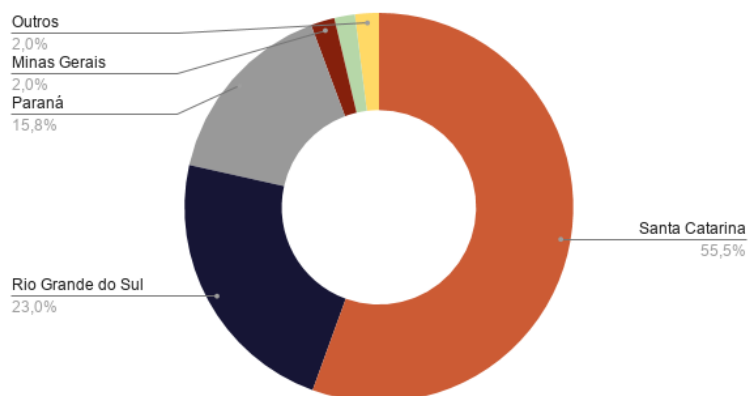
Fonte: SECEX, 2019

## Distribuição dos estados brasileiros produtores de carne suína



Fonte: MAPA, Agrostat, 2019

## Distribuição dos estados brasileiros exportadores de carne suína



Fonte: MAPA, Agrostat, 2019

Em todos os estados mencionados acima na coluna “Exportação”, verificou-se uma presença maciça das empresas JBS, BRF, Aurora, de acordo com os dados apresentados pelo Serviço de Inspeção Federal (S.I.F.), responsável por assegurar a qualidade de produtos de origem animal, tanto para o mercado interno quanto para o externo.



# 2. Resultados

# Sobre o relatório Observatório Suíno

O Observatório Suíno é um relatório anual realizado pela Alianima, que tem como objetivo principal o acompanhamento anual da evolução da transição das empresas que possuem compromissos públicos de banir as celas de gestação na indústria da carne suína brasileira. Nesta edição de 2020, o relatório é de suma importância devido ao cenário gerado pela pandemia do COVID-19, que trouxe consigo um momento de incerteza e um debate ainda mais acirrado sobre a necessidade de transparência e responsabilidade da indústria alimentícia.

Através dos resultados e com a posterior divulgação, criamos relações de transparência entre a indústria alimentícia e o consumidor final, além de detectar gargalos que estejam ocorrendo nos bastidores da indústria, para que possamos identificar os principais pontos que minam a possibilidade de uma transição bem-sucedida dentro do prazo estipulado para cada uma das empresas comprometidas. A Alianima apoia essas empresas com recursos técnicos e análises estratégicas, através da nossa expertise em bem-estar animal.

Este relatório destina-se não apenas aos departamentos de sustentabilidade das empresas e indústrias do setor, mas também é endereçado ao público consumidor consciente, que se preocupa tanto com a origem dos alimentos quanto a adoção de práticas que promovam o bem-estar dos suínos na cadeia de produção.

O Relatório Observatório Suíno 2020 avaliou todas as 10 (dez) empresas do setor que se comprometeram publicamente a abolir as celas de gestação.

Para além do acompanhamento da transição com o tema de celas de gestação, o Observatório Suíno, em sua primeira edição, também buscou compreender as melhorias adjacentes destinadas ao manejo de leitões. Nesta primeira edição, tivemos um retorno de 60% de respostas, dentre elas, um destaque especial para a JBS e BRF Foods, que estão no 2º e 13º lugar, respectivamente, no ranking das 40 maiores indústrias de carne suína do mundo.

A análise dos resultados das empresas respondentes permite uma visão mais ampla do cenário de bem-estar de suínos no contexto brasileiro e indica que este é um tema que tende a evoluir com constantes melhorias.



**“criamos relações de transparência entre a indústria alimentícia e o consumidor final”**

Foto: Mutinka | Disponível em Pixabay

# Metodologia

O relatório em questão abordou todas as empresas que operam no Brasil comprometidas em abolir as celas de gestação dentro do escopo definido em cada compromisso. As empresas abordadas foram caracterizadas de duas formas: (a) Indústria (que contempla produtores e processadores de carne suína) e (b) Restaurantes.

Para tal, foi enviado um questionário prévio a todas elas, visando medir o progresso em toda a cadeia de abastecimento das empresas sobre a eliminação das celas de gestação. O questionário contemplava questões relacionadas aos seguintes itens de avaliação e monitoramento:

- Porcentagem de matrizes suínas já alojadas em baias em grupo durante a fase de gestação;
- Período de alojamento das matrizes em celas individuais preconizados por cada empresa;-
- Implementação de melhores práticas no manejo de leitões, tais como imunocastração e banimento de corte de dentes, cauda e orelha;
- Verificação do uso de antibióticos para fins não terapêuticos;
- Dificuldades encontradas pelas empresas para prosseguirem com a transição.

Todas as respondentes estavam cientes da proposta de transparência prevista pelo Relatório Observatório Suíno com relação aos temas de gestação coletiva e melhorias no manejo de leitões, cujos resultados foram divulgados posteriormente na plataforma Observatório Animal.

O questionário foi enviado em Setembro/2020 e as respostas foram recebidas em Outubro/2020, com compilação de resultados em Novembro/2020. A resposta das empresas poderá ser vista nas seções a seguir deste relatório e foram fundamentais para diagnosticar o andamento da transição em nível nacional.

As empresas que não responderam ao questionário foram categorizadas com o status “não respondeu”, que podem ser observadas no ranqueamento a seguir ou também através do site do Observatório Animal.



Foto: Maeder | Disponível em Pexels

## Resultados

# Celas de Gestação

Uma das práticas mais criticadas pela ciência do bem-estar animal é o alojamento das porcas reprodutoras durante a fase de gestação. Há décadas, o sistema convencional consiste em mantê-las separadas individualmente em celas que possuem dimensões extremamente limitantes, não permitindo quase nenhuma movimentação. Além do desconforto físico, não conseguem interagir decentemente entre si, explorar o ambiente, nem construir ninho antes do parto.

Como se não bastasse, problemas de saúde, como lesão nas patas, infecções urinárias, atrofia muscular e distúrbios comportamentais são frequentes por conta da falta de atividade física. Esse método foi adotado por facilitar o manejo e controle de arraçoamento, de detecção de cio e inseminação, inspeção, além de evitar brigas entre as matrizes, ocupar menos espaço e necessitar de menos mão-de-obra.

A alternativa proposta é alojar as porcas em baias coletivas. Apesar de novos desafios surgirem com essa nova conformação, inúmeras pesquisas científicas corroboram que é possível obter produtividade e saúde igual ou superior quando comparada às celas individuais, e que o exercício físico durante a gestação melhora o desempenho no parto. Conforme mencionado anteriormente, diversos países já baniram as celas individuais ou estão em processo de transição definitiva para as baias coletivas, demonstrando que essa transformação está fortemente consolidada.

O próximo passo é determinar quais são as melhores formas de alojar as matrizes em grupos, uma vez que esse novo sistema traz



Foto: Oikeutta eläimille! Disponível em Flickr

desafios estruturais com relação ao piso, gerando eventuais problemas locomotores e aumento de brigas, que ocorrem naturalmente e temporariamente para estabelecimento de hierarquia, mas se houver escassez de recursos, como alimento, água e espaço, essas interações agonísticas tendem a se prolongar, gerando problemas de bem-estar animal.

Um aspecto importante que tem sido amplamente discutido é o período que as porcas são mantidas nas celas a partir da inseminação.

Infelizmente, a União Europeia, que costuma ser vanguardista em melhorias no bem-estar de animais de produção, ainda permite quatro semanas nas celas, enquanto já existem diversas evidências científicas que indicam que transferir as porcas para as baias coletivas logo após a inseminação (sistema "cobre e solta") não prejudica a produtividade, podendo até promover melhorias, uma vez que estabelece precocemente o quadro hierárquico do grupo (mantendo-se mais estável ao longo da gestação), o que reduz riscos de reabsorção embrionária por estresse (menos repetição de cio e abortos), permite a eliminação total das celas na fase de gestação, além de proporcionar um período maior em alojamento mais adequado às matrizes.

Em função disso, a Alianima procura sempre incentivar a adoção não apenas do alojamento em baias coletivas, mas também do sistema "cobre e solta". Contudo, uma Instrução Normativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) será divulgada em breve, concedendo um prazo demasiada e desnecessariamente longo para concluir a transição para baias coletivas, e permissão de até 35 dias nas celas individuais após a inseminação, representando morosidade no avanço urgente e imprescindível para o bem-estar de suínos no Brasil.

Por essa razão, a Alianima, juntamente com outras organizações, escreveu uma carta aberta ao MAPA pedindo revisão e atualização desses pontos.

## O STATUS DA TRANSIÇÃO

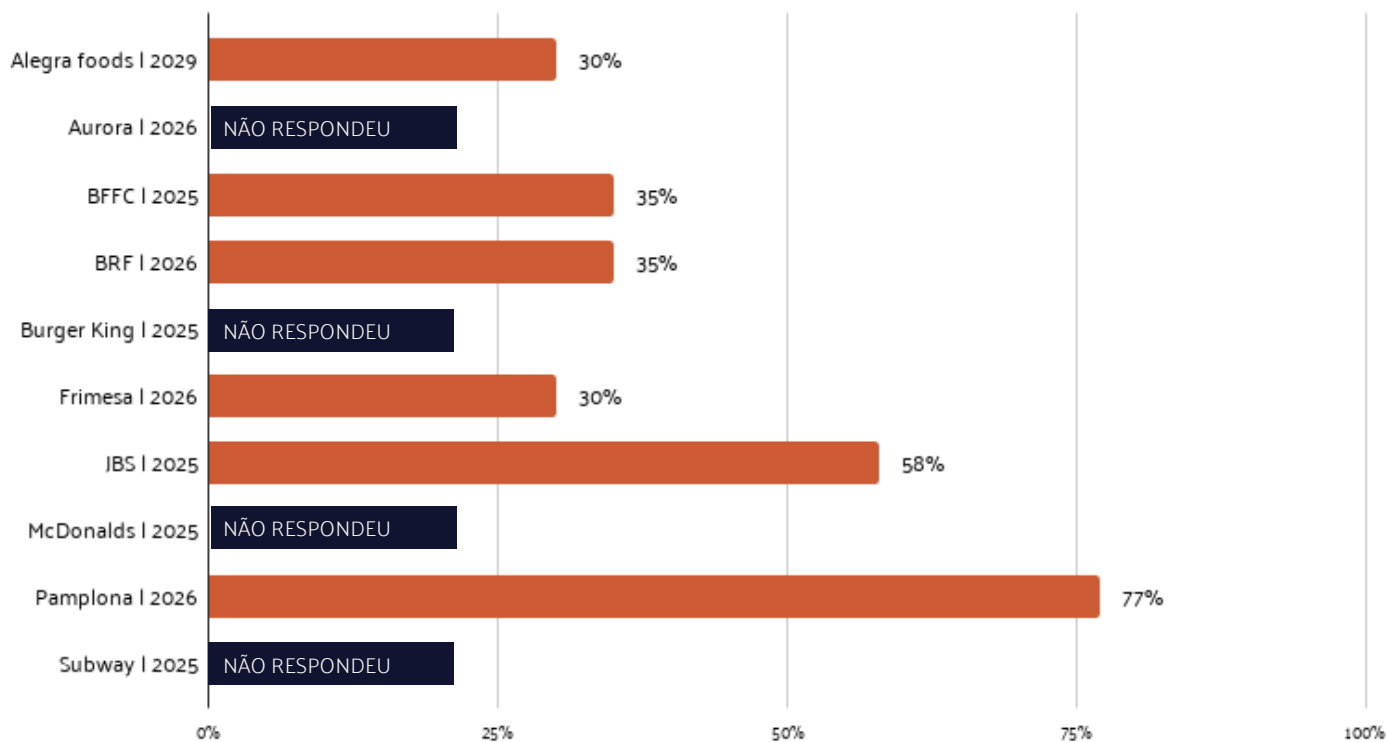
A pesquisa obteve resposta de 60% das empresas que possuem compromissos públicos de banir as celas de gestação. Esse percentual de resposta indica o comprometimento das empresas em realizar uma transição dentro do prazo estipulado, além de assumir uma postura transparente com os consumidores, que cada vez mais querem saber a origem dos alimentos que consomem.

Na página seguinte está o gráfico que demonstra a porcentagem de matrizes suínas já alojadas em baias em grupo durante a fase de gestação por cada empresa. Ao lado do nome da empresa, está o ano que é o prazo máximo de conclusão da transição.



Foto: Matthias Zoomer | Disponível em Pexels

## Percentual de matrizes em baias coletivas



Fonte: Observatório Suíno, 2020

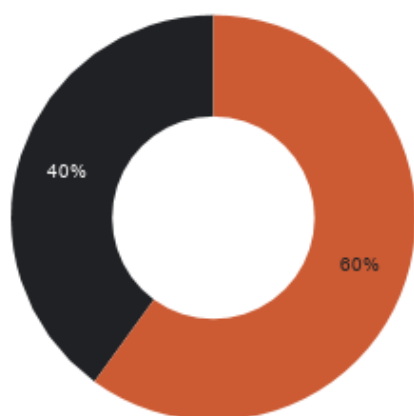
Infelizmente as empresas que não respondem ficam marcadas pela falta de transparência e ausência de comprometimento de informar o consumidor sobre como está a transição.

## SETORES RESPONDENTES

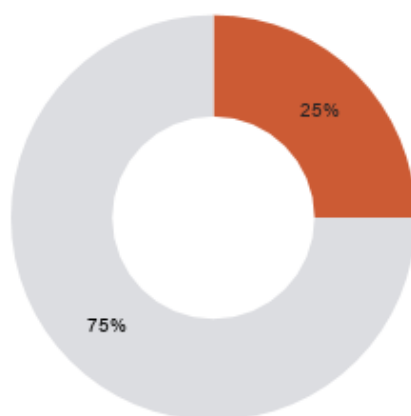
segmento das empresas com compromissos

restaurantes com compromisso que responderam

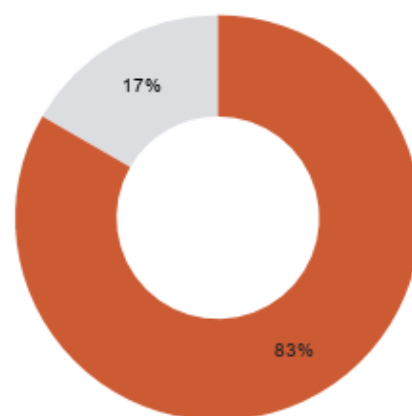
produtores com compromisso que responderam



● Produtores ● Restaurantes



● Sim ● Não



● Sim ● Não

Destaca-se o engajamento das empresas que produzem carne suína, ou seja, ligadas diretamente a fazendas de criação. Apenas uma delas não respondeu. Já para a categoria de restaurantes, a situação é a inversa, pois só tivemos uma resposta.

## Resultados

# Mutilações

Na maternidade, um dos pontos críticos de bem-estar animal são as mutilações em leitões. Castração cirúrgica, corte de cauda, corte de dentes e corte de orelha (mossa) - para identificação individual. São procedimentos corriqueiros na suinocultura, realizados sem nenhuma medicação analgésica ou anestésica.

De forma contraditória, as justificativas para execução dessas práticas são baseadas na hipótese de melhorar o nível de bem-estar dos suínos e, conseqüentemente, trazer melhores índices produtivos. Entretanto, há forte objeção tanto da comunidade científica quanto da sociedade civil que se torna consciente dessa cenário, uma vez que infringem muita dor e estresse desnecessários aos leitões com poucos dias de vida.

## CASTRAÇÃO CIRÚRGICA

Leitões machos são castrados na primeira semana de vida, com o objetivo de prevenir o odor e o sabor repulsivo da carne, decorrente da presença de dois elementos: o hormônio androstenona e a substância escatol (subproduto da microbiota intestinal e metabólito do aminoácido triptofano), que começam a ser acumuladas na gordura dos suínos machos quando atingem a maturidade sexual.

O procedimento, quando realizado sem bloqueio da dor e controle de inflamação, provoca alterações fisiológicas e comportamentais relacionadas a dor aguda e crônica, resultantes de desconforto físico e emocional durante e após a sua execução.

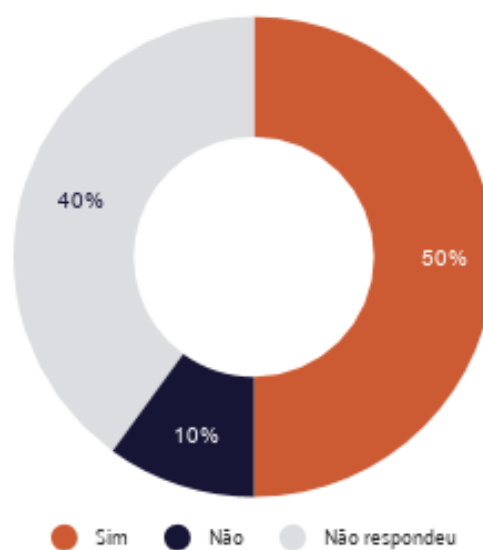
Essa prática tem sido realizada na primeira semana de vida dos leitões, pela premissa de que neonatos são menos sensíveis que os mais velhos.

Entretanto, há pesquisas científicas que constataam que a experiência dolorosa e a manifestação do seu comportamento foram as mesmas entre suínos de 3, 10 e 17 dias de idade, submetidos à castração sem anestesia. Por conta disso, a Alianima preconiza a substituição desse procedimento por alternativas, como:

- não castração, visto que muitos países importam carne suína sem essa exigência;
- imunocastração, que é uma injeção (duas doses) que induz a produção de anticorpos contra o hormônio GnRH, inibindo a função testicular;
- sexagem espermática, para evitar o nascimento de machos;
- adoção de analgesia e anestesia para castração cirúrgica.

**Todas as empresas produtoras de carne suína responderam que pretendem implementar ou já implementaram a castração cirúrgica com anestesia ou imunocastração, o que é um destaque muito positivo.**

### Castração cirúrgica com anestesia ou imunocastração



Fonte: Observatório Suíno, 2020

## CORTE DE DENTES

Os leitões já nascem com oito dentes, que têm o papel de auxiliar a apreensão do teto da mãe durante a mamada. Porém, é rotineiro o corte (com alicate) ou o desgaste (com uma lima) desses dentes nos primeiros dois dias de vida, reduzindo-os até um terço ou metade do seu tamanho original.

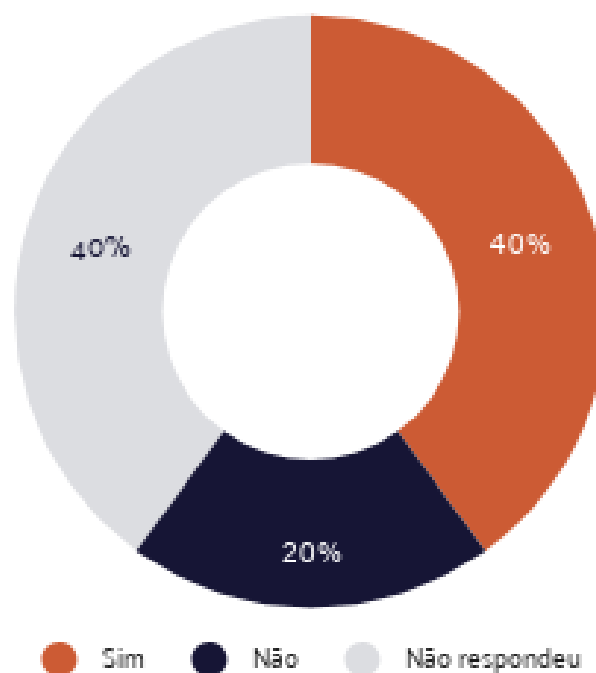
Esse procedimento é realizado no intuito de diminuir a ocorrência de lesões por mordedura nos tetos e nos outros leitões. O problema é que, independentemente do método utilizado, provocam dor e lesões, desde uma exposição da dentina (parte sensível do dente) até fraturas de dente, hemorragias, infiltrações, abscessos e formação de osteodentina.

Como alternativas, pode-se evitar a mistura de leitões após 36 horas do nascimento entre as leitegadas da maternidade, e garantir pelo menos um teto por leitão. Assim, reduz as disputas de mamada e, conseqüentemente, de lesões nos tetos.

Outra medida é o controle da temperatura ambiente, com o intuito de evitar estresse térmico às porcas, pois quando sofrem com calor, ingerem menos ração e produzem menos leite, provocando mais mordidas nos tetos pelos leitões.

De acordo com as respostas, as empresas produtoras pretendem implementar ou já implementaram o banimento do corte de dentes. Apenas uma delas que respondeu a pesquisa não informou.

### Banir corte de dentes



Fonte: Observatório Suíno, 2020

## CORTE DE CAUDA

Outra prática contestada da suinocultura é o corte do terço final da cauda dos leitões. Com menos de 7 dias de vida, o procedimento é realizado com o intuito de evitar que eles mordam a cauda do outro.

Esse comportamento ocorre em função do elevado número de animais confinados na mesma baia e do tédio promovido por um ambiente sem recursos.

Então, um ajuste na densidade das baias e o uso de enriquecimento ambiental podem atenuar o problema. A mordedura de cauda provoca lesões, que podem infeccionar e piorar muito o nível de bem-estar, mas a caudectomia, além de ser dolorosa, não resolve a causa do problema e nem evita completamente a mordedura.



Infelizmente, o fim do corte de cauda é um procedimento que as empresas não demonstraram intenção de implementar.

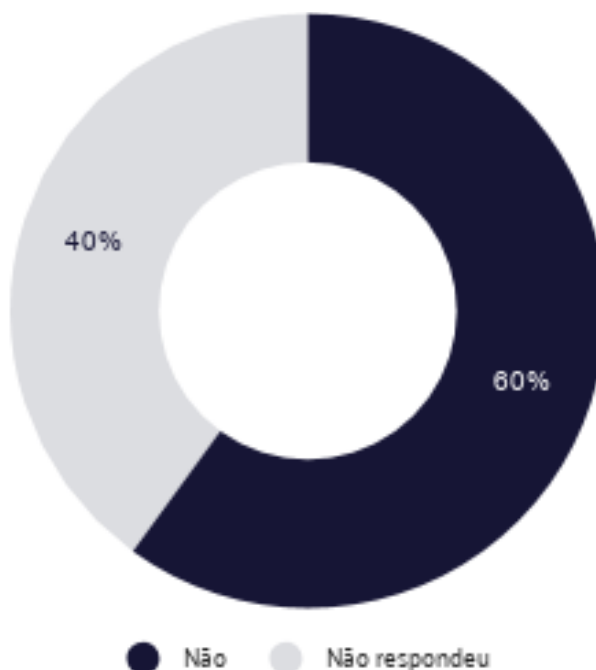
## Corte de orelha (mossa)

Na pecuária industrial, as granjas precisam identificar cada animal, para permitir o controle individual e do lote. Há diferentes maneiras de fazer essa identificação, como brincos, tatuagem e a mosca. Essa última é um método australiano que consiste em cortar, com um alicate, as duas orelhas dos suínos em um padrão, de modo que cada animal tenha uma numeração diferente dos outros.

O corte é realizado sem nenhum tipo de anestesia e quando ainda filhotes (logo ao nascer ou até 12 dias de vida). Comparado a outras formas de identificação, a mosca promove feridas mais severas e que levam mais tempo para cicatrizar (até duas semanas).

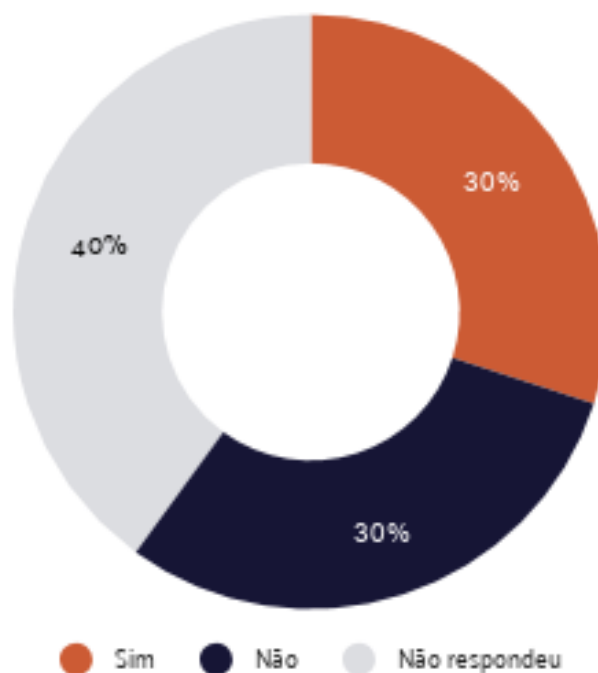
A adoção de formas menos dolorosas para identificação dos animais foi ou será implementada por mais da metade das empresas produtoras respondentes.

### Banir corte de cauda



Fonte: Observatório Suíno, 2020

### Banir corte de orelha (mossa)



Fonte: Observatório Suíno, 2020

# Saúde única: uso de antibióticos

O bem-estar de animais de produção está não apenas relacionado à sustentabilidade, mas também diretamente à saúde humana. O conceito de "Saúde Única" traduz a união indissociável entre Saúde Animal, Humana e Ambiental, uma vez que uma interfere nas demais. Uma das metas contempladas na promoção da Saúde Única é a mitigação da resistência aos antimicrobianos, a fim de proporcionar a efetividade nos tratamentos de doenças infecciosas em animais - humanos e não-humanos.

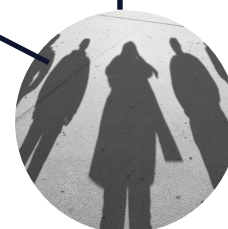
Com esse intuito, passa a ser necessário e urgente estabelecer melhores critérios e reduzir o uso de antibióticos na pecuária, que tem direcionado não só para tratamento de afecções, mas também como promotores de crescimento há mais de 50 anos. Esse uso não terapêutico é adotado com baixas doses por curtos períodos na ração dos animais, por apresentar melhor custo benefício na manutenção de saúde animal e na eficiência nutricional, mas é imprudente por catalisar o surgimento de patógenos resistentes aos antimicrobianos, ou seja, esses medicamentos tornam-se obsoletos, desarmando-nos contra diversas doenças.

O tema é cosmopolita, mas enquanto a tendência mundial é utilizar uma média de 172 mg de antibióticos para cada quilo de peso vivo de suínos, o Brasil apresentou, em um levantamento, uma média de 358 mg/kg peso vivo, sendo um dos maiores consumidores mundiais de antimicrobianos no setor agropecuário.

Saúde Animal



Saúde Ambiental



Saúde Humana

Foto: Public Domain Images | Disponível em Pixabay

Reconhecendo a gravidade desse tema, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que essa prática seja interrompida, e a União Europeia banuiu, desde 2006, o uso como promotores de crescimento na suinocultura.

No Brasil, o Ministério da Saúde lançou, em 2018, o Plano de Ação Nacional de Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos no Âmbito da Saúde Única.

## Alternativas ao uso de antibióticos para fins não terapêuticos

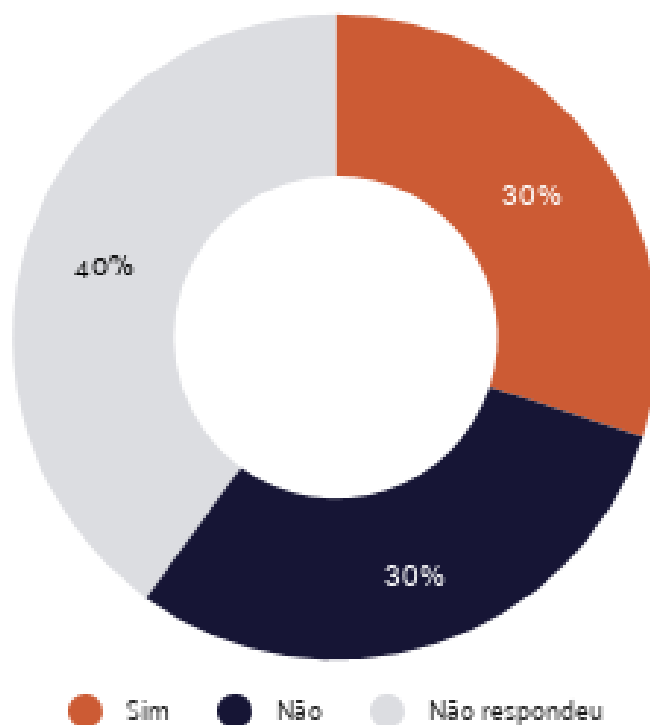
A Alianima defende o fim do uso de antibióticos na produção animal com propósitos não terapêuticos. Como alternativas ao uso de antibióticos para fins profiláticos e promotores de crescimento, a comunidade científica sugere o seguinte plano de ação:

- Ajuste de manejo
  1. reduzir a densidade (número de animais por área)
  2. aumentar a idade de desmame para 21 a 28 dias
  3. evitar mistura de animais (fluxo de produção "all in all out")
  4. controlar temperatura e umidade (altas amplitudes térmicas favorecem proliferação de Streptococcus suis, enquanto que baixas amplitudes podem dispensar o uso de amoxicilina)

Em relação ao nosso levantamento com as empresas, mais da metade das produtoras respondentes afirmaram que pretendem interromper o uso de antibióticos para fins não terapêuticos.

- Ajuste de programa de limpeza e desinfecção das instalações
- Ajuste do programa de vacinação e aclimatação;
- Ajustes nutricionais, choques medicamentosos e eubióticos (pré e probióticos, ácidos orgânicos e óleos essenciais - na água e na ração)
  1. minimizar fatores antinutricionais no pós-desmame, como reduzir a proporção de farelo de soja na ração para diminuir a incidência de diarreia;
  2. utilizar nutracêuticos (como o plasma);
  3. janelas entre choques medicamentosos.

### Banir uso de antibióticos para fins não terapêuticos



Fonte: Observatório Suíno, 2020



# **3.** Desafios do setor



# Desafios da indústria

Os compromissos públicos são uma das formas que as empresas têm para demonstrar que a adoção de modelos produtivos que contemplem o bem-estar animal faz parte de suas estratégias.

Apesar dessa sinalização, é de extrema importância entender quais são os desafios que as empresas enfrentam nesse percurso para ampliar a chance do compromisso ser cumprido dentro do prazo. Por isso, foi pesquisado quais foram os principais desafios identificados pelas empresas até o momento, e o resultado foi:



Para as empresas, o acesso a financiamento é a principal dificuldade que elas vêm enfrentando para prosseguir com a transição para alojamento em grupo de matrizes ou qualquer outra prática de bem-estar animal.

Foto: John Lambert | Disponível em: Pexels

# 4. Conclusão

# Conclusão



Foto: Domínio Público | Disponível em Pixabay

Considerando a relevância do tema e das dificuldades no contexto brasileiro, como a crise econômica e a falta de legislação e respaldo técnico-científico para orientação de uma implementação efetiva de políticas de bem-estar de animais utilizados para produção de alimentos, o engajamento e transparência da indústria torna-se o maior aliado para promoção dessas mudanças.

Nos últimos cinco anos, constatou-se uma melhora significativa nesse cenário, onde o consumidor está progressivamente mais consciente e exigente, a indústria mais disposta a se atentar ao sofrimento animal, e mais organizações oferecendo esclarecimento e suporte para que a transformação ocorra da forma mais justa e consistente possível.

Agradecemos às empresas que não apenas responderam a nossa pesquisa, mas mostraram-se abertas ao diálogo e à troca de experiências.

**AS EMPRESAS COMPROMETIDAS  
COM O BEM-ESTAR ANIMAL  
SÃO TAMBÉM RESPONSÁVEIS  
POR FORNECER TRANSPARÊNCIA  
AO CONSUMIDOR FINAL.  
O TRABALHO DO TERCEIRO  
SETOR PARA ESTREITAR  
ESSA PONTE É, ALÉM DE  
URGENTE, FUNDAMENTAL.**

---

## Realização



Este relatório foi realizado pela Alianima, uma organização não governamental sem fins lucrativos, com o apoio de doações realizadas pelas organizações Centre for Effective Altruism e Open Philanthropy Project Fund, um fundo assessorado pela Silicon Valley Foundation.

## Apoio







# **5.** Referências



# Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL (ABPA). Brazilian Pork, 2016. Overview. Disponível em: <<http://www.brazilianpork.com.br/pt/pork-industry/overview>>. Acesso em: Novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Serviço de Inspeção Federal (SIF), 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-animal/sif>>. Acesso em: Novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Plano de Ação Nacional de Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos no Âmbito da Saúde Única. 2018. Disponível em: <[https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-pecuarios/programas-especiais/resistencia-antimicrobianos/arquivos/copy\\_of\\_PANBRdez2018.pdf](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-pecuarios/programas-especiais/resistencia-antimicrobianos/arquivos/copy_of_PANBRdez2018.pdf)>. Acesso em: Novembro de 2020.

DUTRA, M.C. Uso de antimicrobianos em suinocultura no Brasil: análise crítica e impacto sobre marcadores epidemiológicos de resistência. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 92 p. 2017.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Embrapa Suínos e Aves, 2020. Estatísticas Brasil Suínos. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas/suinos/brasil>>. Acesso em: Novembro de 2020.

EUROPEAN COMMISSION. Press Corner, 2005. Ban on antibiotics as growth promoters in animal feed enters into effect. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP\\_05\\_1687](https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_05_1687)>. Acesso em: Novembro de 2020.

EUROPEAN COMMISSION. Press Corner, 2012. Questions and Answers on the upcoming ban on individual sow stalls. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/MEMO\\_12\\_280](https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/MEMO_12_280)>. Acesso em: Novembro de 2020.

STANDARDS for Confining Farm Animals - Initiative Statute. Vig Archive, 2008. Disponível em: <<http://vigarchive.sos.ca.gov/2008/general/title-sum/prop2-title-sum.htm>>. Acesso em: Novembro de 2020.

WATTAG NET. The world's leading pig producers and processors.2019. Disponível em <[https://www.wattagnet.com/directories/79-the-world-s-leading-pig-producers-and-processors/top\\_companies\\_table](https://www.wattagnet.com/directories/79-the-world-s-leading-pig-producers-and-processors/top_companies_table) > Acesso em: Novembro de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Antimicrobial Resistance, 2017. WHO guidelines on use of medically important antimicrobials in food-producing animals. Disponível em: <<https://www.who.int/antimicrobial-resistance/en/>>. Acesso em: Novembro de 2020.